

Políticos serão bem tratados

BRASÍLIA — Para evitar novas surpresas no Congresso, o governo decidiu rever suas relações com os deputados e senadores. Já a partir da próxima semana, o presidente Fernando Collor acrescentará uma hora em seu expediente das quintas-feiras para receber parlamentares no Palácio do Planalto. A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, em entendimentos com os líderes Renan Calheiros e Ricardo Fiuza, se comprometeu em aumentar o número de audiências para parlamentares e os também ministros Ozires Silva, da Infra-Estrutura, e Alcení Guerra, da Saúde, passarão a despachar semanalmente no Congresso.

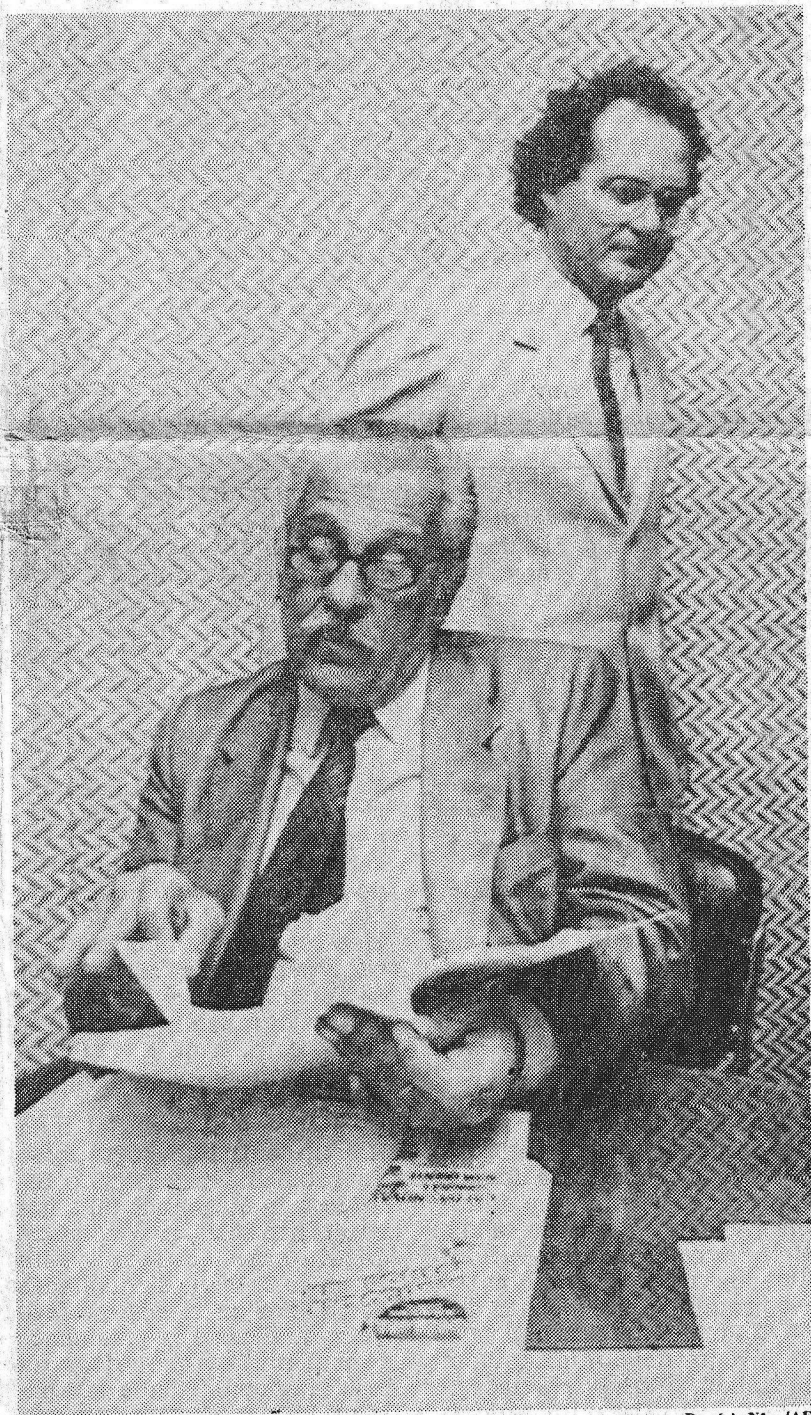
As boas novas foram transmitidas ontem de manhã pelo líder do governo na Câmara, Renan Calheiros, aos líderes dos partidos que apóiam o presidente. Renan disse que após uma semana de reuniões com as bancadas estaduais, identificara "a falta de atendimento aos deputados" como o maior foco de insatisfação e aproveitou para abusar da retórica: "Serei o primeiro a esquecer Brasília, caso o governo não se organize", prometeu ele aos governistas. Estava em curso um enorme esforço para garantir a aprovação da Medida Provisória 184 na sessão noturna do Congresso.

"Falta autoridade e hierarquia no governo", reclamou o líder do PTB, Gastone Righi (SP), logo ao chegar à reunião, pela manhã, no gabinete da liderança do governo. Mais preocupado com as demissões que atingem seus aliados do que com os pedidos de nomeações não atendidos, Gastone acusou: "Se for eleitor do Gastone é colocado em disponibilidade; se for amigo é demitido, e se for parente é cassado e preso".

Correligionário de Gastone, o deputado petebista Solon Borges dos Reis (SP) exemplificou a queixa do líder ao garantir que seu nome vale menos para o governo do que o do deputado petista José Genoíno (SP) — pelo menos para o ministro da Justiça, Bernardo Cabral. Depois de tentar inutilmente conversar com o ministro durante uma semana inteira, Solon mandou

uma secretária ligar para Cabral e anunciar que Genoíno estava na linha. "Ele atende já", reagiu o assessor de Cabral. No mesmo instante o ministro pegou o telefone, cheio de gentilezas: "Oh, meu líder", disse. Solon então explicou que não era Genoíno e sim um governista "que queria ter a certeza de que o ministro tem atendido parlamentares de oposição". Bruscamente, então, desligou o telefone.

Diante da irritação dos aliados, o líder do governo Renan Calheiro decidiu jogar duro. Em vez de repetir o estilo afável das reuniões anteriores, reclamou que não tinha tempo para fazer sua campanha ao governo de Alagoas e não agüentava mais reclamações daquele tipo: "Tudo bem. Se você não garante os seus deputados, eu mesmo vou lutar pelos votos que puder dentro do PTB".



Protásio Nênc/AE

Fiuza (sentado) e Calheiros: discutindo a maioria